

AS DANÇAS DO ARARUNA: TESSITURAS ENTRE CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Emanuelle Justino dos Santos ¹

1. INTRODUÇÃO

Araruna, besouro, bode, camaleão, caranguejo, jararaca, pau-pereiro, Maria Rita, miudinho, mulher rendeira, mazurca, sete rodas, polca, xote, valsa. As danças do Grupo “Araruna: sociedade de danças antigas e semi-desaparecidas” se revelam como saberes tradicionais que se caracterizam “[...] pelo forte sentido de agregação de seus membros na busca da vivência estética, que media todo o ritual de preparação das danças a serem apresentadas e compartilhadas por outros membros da sociedade” (PORPINO, 2006, p.114).

Esse Grupo celebra a identidade cultural e a comunhão entre os corpos brincantes que dançam “[...] para não esquecer quem são” (BRANDÃO, 1993, p.10 apud NÓBREGA, 2000, p.1). Os brincantes são moradores do bairro das Rocas e também de outros bairros da cidade do Natal/RN que expressam nuances híbridas entre as culturas europeia e a potiguar.

O Araruna foi criado pelo mestre Cornélio Campina da Silva (1908-2008), durante os festejos do São João da Roça nas Rocas, Natal/RN. Nos anos de 1940, ele foi resgatando suas lembranças infantis sobre as danças que aprendeu com seus avós e bisavós no município serrano de Portalegre/RN.

Essas danças também sensibilizaram pessoas importantes, como o folclorista Câmara Cascudo e o atual prefeito daquele período: Djalma Maranhão. Segundo Costa (2008), esse político doou o terreno para a construção da sede do Araruna. Com tal feito, o Grupo elaborou um Estatuto registrado em cartório, inaugurando sua sede em 24 de julho de 1956.

Com mais de 60 anos de existência, o Araruna resiste e, ao mesmo tempo, é influenciado pela cultura hegemônica, revelando modos de ser que são intermediados por meio de sentidos: religioso ou lúdico ou crítico social ou de identidade, entre outros possíveis (NÓBREGA, 2000).

Em visita ao repositório da Capes, percebe-se que há um universo de pesquisas sobre várias manifestações da tradição. Contudo, são raros os estudos sobre o Araruna. Os trabalhos

¹ Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PpgEF/UFRN, emanuellejds@hotmail.com.

que mais se aproximam são: Monteiro (2007), Martins (2015) e Santos (2014). Mesmo com a relevância do que já foi produzido, sabe-se que há lacunas a serem investigadas.

Partimos da seguinte questão de estudo: Como a estética do Grupo Araruna contribui para pensar o corpo e a cultura na Educação Física? Como é possível entrelaçar os sentidos simbólicos entre corpo, natureza e cultura do Araruna? Objetivamos descrever sobre as tessituras das danças do Araruna através da estética dos corpos brincantes, apresentando relações simbólicas entre corpo, natureza e cultura do Grupo para elaborar outras sensibilidades para a Educação Física.

2. METODOLOGIA

A fenomenologia de Merleau-Ponty se estrutura por uma descrição minuciosa dos dados de investigação sobre as danças do Araruna, que nos levam aos “[...] caminhos da reflexão epistemológica da corporeidade em diálogo com outros desdobramentos das ciências” (NÓBREGA, 2010, p.36). A reflexão, a interpretação, a imputação de sentidos dessas danças tradicionais se dão através da inserção no mundo vivido dos brincantes por meio do acesso a vídeos, textos, letra de música, símbolos e narrativas do Araruna.

Em diálogo com a bibliografia, elaboramos uma rede de significados, construindo a redução fenomenológica do Araruna, que é uma análise intencional e inacabada, voltada para o ofício de dar sentido, questionar, ponderar e articular algumas partes para tracejar percursos interpretativos que componham significações educativas sobre corpo, cultura, natureza e Educação Física.

3. OS CORPOS DO ARARUNA: DESVELAMENTO ESTÉTICO DA DANÇA

A expressividade dos corpos brincantes se oferecerem à tradição, transformando-se em dança. Os gestos ampliam a expressividade desses corpos, tecendo um mundo único, que remete a metáfora merleauPontyana do corpo como uma obra de arte (NÓBREGA, 2010).

A obra de arte “[...] é vista e ouvida, e nenhuma definição, nenhuma análise ulterior, por mais preciosa que possa ser posteriormente e para fazer o inventário dessa experiência, conseguiria substituir a experiência perceptiva e direta que tive com relação a ela” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.57).

A contemplação da arte atinge o espectador por meio de sua forma e conteúdo, que estão imbricados ao modo como é apreendido pelo olhar. Leva-se em conta a organização cadenciada

das cenas, elaborando uma lógica, um estilo que indicará o valor a ser atribuído a cada elemento típico dessa arte, configurando uma imagem irradiante, um ritmo (MERLEAU-PONTY, 2004).

Ao vibrar de emoção, o corpo brincante entrega-se à experiência excitante de comunhão com o outro. Como podemos ver na apresentação do Araruna realizada durante o Encontro Litero-musical no Palácio do Potengi – Pinacoteca Potiguar, em 2 de dezembro de 2016: os corpos dançam de maneira tão encantadora que contagia o espectador, conduzindo-o ao prazer da contemplação dessa arte.



Figura 1 – Apresentação do Araruna. Fonte: <https://www.facebook.com/EvanirPinheiro> (2016).

Os corpos dançam, fundem-se em dança, entrelaçando razão e emoção, sagrado e profano, erudito e popular. A estruturação cênica do Araruna se origina da cultura de salão aristocrática da Europa, tecendo imagens festivas que se reatualizam infinitamente. Ao ritmo da sanfona e do pandeiro:

Os casais se projetam de frente um para o outro, trocam sorrisos e olhares, formando dois círculos concêntricos com as mulheres por fora e os homens por dentro. Elas seguram suas saias, enquanto eles colocam os dois braços por trás do tronco à altura da cintura. Sempre com a postura da coluna vertebral ereta, os brincantes se deslocam, pelo palco através de passos curtos e lentos, de um lado para o outro, e, por vezes, efetuando suavemente pequenos giros e meio-giros. Ora aproximam-se. Ora, afastam-se, porém não entrelaçam seus corpos (SANTOS, 2014, p.7576, grifo nosso).

Há um tom de erotização nessa dança de pares, pois os brincantes se reportam a uma subjetividade de um passado não experimentado, mas sim idealizado por uma memória virtualizada, configurando, assim, um arrojado campo de poderes virtuais dessa arte completa (LANGER, 2011).

Como dança circular, o Araruna “[...] simboliza uma das realidades mais importantes na vida dos homens primitivos – o reino sagrado, o círculo mágico. Ela separa-se da esfera profana,

preenchendo uma função sagrada, talvez a primeira função sagrada da dança” (LANGER, 2011, p.200, grifo nosso).

Essa dança também remete a forças místicas da vida selvagem, sendo sacralizada pela natureza. Coadunando com Merleau-Ponty (2006), o sagrado é a dimensão que melhor indica um certo parentesco entre os homens e os outros animais. Logo, essa dança tem uma atmosfera não apenas profana e também sacralizada relativa a fauna potiguar.

4. DA NATUREZA À CULTURA: DESVELAMENTO SIMBÓLICO DA DANÇA

A dança Araruna apresenta um conjunto de percepções e símbolos, que “[...] os segredos do inconsciente, conduzem as mais recônditas molas de ação, abrem o espírito para o desconhecido e para o infinito” (CHEVALIER; CHEERBRANT, 1982, XII, grifo nosso).

O corpo dança e a música vai, aos poucos, “[...] se apossando da dimensão corpórea, penetrando na carne, no tecido da existência, mergulhando na região oculta dos sentidos e nos labirintos do ser, acendendo as tochas da afetação” (FERREIRA, 2011, p.138).

Tenho um pássaro preto, Araruna.
Que veio lá do Pará, Araruna,
Xô, xô, xô, Araruna.
Não deixe ninguém lhe pegar, Araruna.

Essa letra traz uma narrativa ligada à animalidade. O pássaro preto simboliza a inteligência, a personalidade de um sonhador, representando a intercessão entre o divino e o humano (CHEVALIER; CHEERBRANT, 1982).

A dança Araruna tem relação com a morte e ressurreição de uma ave, apresentando-se por meio de um passo “agalopado” que, desde tempos remotos, representa: “[...] uma dança de colheita, principalmente a do arroz, pois o pássaro Araruna gosta de comer os pendões da plantação de arroz e para proteger a plantação, tange-se as aves. É este tanger das aves que deu origem à letra da música e à dança” (MONTEIRO, 2007, p.26).

A origem etimológica da palavra “Araruna” é indígena. Segundo Galvão (1999), Graúna vem de “Guira” (uira) igual a pássaro mais “una” (preto), denotando um pássaro de cor preta. O Araruna não existe só no Pará, pois é típico de quase toda fauna brasileira. Dependendo da região, essa ave, nascida das trovinhas do folclore, também é chamada de Iraúna ou mesmo Graúna.

Sua simbologia leva em conta a animalidade do corpo. Para Merleau-Ponty (2006), a animalidade funda a humanidade de modo recursivo, dando coesão à existência no mundo. O corpo já é símbolo, linguagem, interrogação e expressão de alguma coisa. O corpo se expressa em todas as condutas motrizes de equivalências interorgânicas com a cultura. A natureza do

corpo se revela de sua reciprocidade e copertença com o mundo. A natureza não é inteiramente um objeto, nem está inteiramente diante de nós, pois “É o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 4).

Por fim, os desvelamentos estéticos e simbólicos do Araruna convidam o corpo a compor novas danças que nos reconectem com o primitivo, dando abertura para a produção de espetáculos de dança. O estudo apresenta novas reflexões sobre corpo, natureza e cultura para a feitura de tessituras estéticas de uma Educação Física mais sensível às danças tradicionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição sobre as tessituras das danças do Araruna através da estética dos corpos brincantes, apresentou algumas relações simbólicas entre corpo, natureza e cultura do Grupo que contribuem para elaborarmos outras sensibilidades educativas para pensarmos sobre a tradição, a dança e a Educação Física. Haja vista que perspectivamos desenvolver novos estudos sobre a simbologia das danças tradicionais e o universo educativo da Educação Física buscando compreender processos educativos que ultrapassam o espaço de educação formal, pensando em manifestações tradicionais, a exemplo do Grupo Araruna no sentido sócio-político de resgate dos conhecimentos culturais dessas danças, contribuindo para que os corpos brincantes e a estética da cultura norte-rio-grandense seja valorizada e seu acesso seja visto como uma forma de garantia de exercício de cidadania das crianças e jovens, estudantes das escolas de nosso Brasil. Portanto, desejamos dar continuidade ao estudo por outros delineamentos educativos.

Palavras-chave: Dança; Corpo; Cultura; Educação Física.

REFERÊNCIAS

- CHEVALIER, J.; CHEERBRANT, A. *Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Cristina Rodrigues e Arthur Guerra. 20. ed. Rio de Janeiro/RJ: José Olympio, 1982.
- COSTA, G. *Araruna: sociedade de danças antigas e semi-desaparecidas – orgulho e patrimônio cultural do RN*. Natal/RN: SESC, 2008.
- GALVÃO, D. (Org.). *Sociedade Araruna Danças Antigas e Semidesaparecidas. Galante – Scriptorin Candida Bezerra*. Fundação Hélio Galvão, Natal/RN, ano 01, n. 04, p.1-3, set. 1999.
- FERREIRA, G. L. A performance poética. *Repertório: teatro e dança*. v.17, n.1, p.136-142, 2011. Disponível em:

<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/5734/4140>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

LANGER, S. K. *Sentimento e forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de filosofia em nova chave*. Tradução: Ana M. Goldberger Coelho. São Paulo/SP: Perspectiva, 2011.

MARTINS, J. S. *Expressões da cultura popular Araruna em suas múltiplas manifestações espaciais no bairro das Rocas, Natal/RN – Brasil*. 2015. 72 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Natal/RN, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. *A Natureza: curso do Collège de France*. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2006.

_____. *Conversas*. Tradução: Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2004.

MONTEIRO, N. A. *Um olhar sobre o Araruna: perspectivas para a dança na Educação Física*. 2007. 63 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física - Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Natal/RN, 2007.

NÓBREGA, T. P. Dançar para não esquecer quem somos: por uma estética da dança popular. In: I CONGRESSO LATINO AMERICANO. II CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MOTORA, 2000, Foz do Iguaçu/PR. *Anais...* Foz do Iguaçu/PR, 2000.

_____. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo/SP: Livraria da física, 2010.

PORPINO, K. O. *Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética*. Natal/RN: EDUFRN, 2006.

SANTOS, E. J. A performance do corpo que dança: uma análise estética do Grupo Araruna.

In: PREMIER SYMPOSIUM INTERNATIONAL FRANCOBRÉSILIEN, 2014,

Montpellier/França. *Anais eletrônicos...* Montpellier/França, 2014, p. 69-84. Disponível em:

<<http://www.sfb.univ-montp2.fr/wpcontent/uploads/2015/01/Artigos-anais-Arquivo-%C3%BAnico.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.